

O álbum “Índigo Borboleta Anil” de Liniker como reconstrução subjetiva de mulheres trans a partir da interseccionalidade¹

Maurício BARROS²

Rogério COSTA³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o álbum **Índigo Borboleta Anil (2021)** da artista Liniker pelo olhar da afetividade presente nas canções que compõem o disco. As discussões foram baseadas em leituras sobre interseccionalidade (Akotirene, 2019) e pesquisas relacionadas à escrevivência como espaço de memória e representação (Evaristo, 2020). A metodologia fundamenta-se em estudos sobre transfeminismo (Nascimento, 2021) e investigações de identidades subversivas que tem foco na estética da negritude na música popular brasileira (Santos, 2014) e conseguem emergir da cultura *underground* para o *mainstream* musical.

PALAVRAS-CHAVE: Liniker; Interseccionalidade; Escrevivência; Comunicação e música; Mainstream musical.

INTRODUÇÃO

O conceito de interseccionalidade é uma sensibilidade analítica que busca trazer diversos temas intrínsecos. Racionalizado por feministas negras, o pensamento defende que mulheres negras enfrentam formas únicas e interligadas de discriminação (Akotirene, 2019, p.13). Dessa forma, a interseccionalidade manifesta que pessoas têm múltiplas identidades sociais, como gênero, raça, classe, sexualidade, e que essas individualidades interagem de modos complexos para delinear suas experiências de vida e os tipos de discriminação que enfrentam.

Pode-se exemplificar a partir de uma mulher negra - que sofre segregações pela raça e gênero. Tais preconceitos podem ser diferentes dos vividos por um homem negro ou uma mulher branca. O “peso” torna-se maior para uma mulher negra. Visto que, ela faz parte da base da pirâmide social - por ser mulher, negra e desde os primórdios da História, compreendida como submissa, seja na nomenclatura de escrava, ama de leite, da empregada doméstica ou na sambista que é vista como objeto sexual.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos em Comunicação, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Graduando em Jornalismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, email: mauriciobarrosjorn@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Comunicação Social da UERN, email: paulorogério@uern.br

A rigor, essas discriminações cruzadas intimidam também mulheres trans que são vistas pela sociedade como *anormais* perante aos parâmetros cisgêneros e transfóbicos. Tendo como base a definição de transfeminismo, explicado por Leticia Nascimento em que ela afirma que “a interrogação de se nós, mulheres transexuais e travestis, somos ou não mulheres, é um martelar constante, dúvida produzida pelo não enquadramento de nossas experiências dentro do CISTema colonial moderno de gênero” (Nascimento, 2021, p 17). Discorrer que mulheres trans, sobretudo negras, são marginalizadas e tidas como interrogações perante ao sistema é, sem dúvidas, uma forma de opressão silenciosa e impregnada sobre um preconceito disfarçado de - eu aceito sua transgeneridade, mas permaneça no seu lugar. Mas, esse “lugar” pode ser da subalternidade e longe dos debates sociais de gênero e sexualidade.

Com isso, esse resumo busca, com base nesses conceitos e indagações, questionar de que forma o álbum **Índigo Borboleta Anil (2021)** pode ser um suporte dentro do *mainstream* musical para visualizar que mulheres negras trans são afetivas, merecem ser amadas e reconhecidas pelo sentimento que move, genuinamente, as relações mais saudáveis, o amor. O estudo em questão fundamenta-se na análise do álbum explorando uma perspectiva afrobrasileira e negra, o disco oferece uma narrativa profundamente enraizada na afetividade, evidente nas melodias e letras que o compõem.

Dito isso, as discussões geradas foram embasadas em estudos sobre interseccionalidade (Akotirene, 2019) e investigações sobre a escrevivência como um espaço de memória e representação (Evaristo, 2020). Quanto à metodologia adotada, esta se apoia em pesquisas sobre transfeminismo (Nascimento, 2021) e investigações de identidades subversivas que tem foco na estética da negritude na música popular brasileira (Santos, 2014) e conseguem emergir da cultura *underground* para o *mainstream* musical.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DO TEMA

Lançado em setembro de 2021, sendo o primeiro álbum solo da multiartista Liniker, **Índigo Borboleta Anil** tem 11 faixas e quase 50 minutos de duração. O disco reúne gêneros musicais como samba, rock, hip hop, jazz, e outros estilos enraizados na cultura negra e na musicalidade ancestral - presentes no corpo, na voz e na (re)existência de Liniker. Para a cantora, o álbum parte de um lugar de liberdade e

transformação. Partido nesse lugar de libertação, a construção do *Índigo Borboleta Anil* tem nuances em relação aos trabalhos anteriores, no grupo Liniker e os Caramelows. Antes, a narrativa da cantora estava centrada na busca pelo amor externo, como uma forma de sentir-se amada e acolhida. Neste novo álbum, ela se torna a personificação desse amor e das escolhas intrínsecas que fez para compreender os processos de autoamor.

Fazendo um comparativo com o álbum *Goela Abaixo* (2019), onde a artista estava em uma fase mais reservada, tentando compreender seus processos como mulher trans e negra, neste disco solo, Liniker encontrou seu próprio lar e explora os lugares alcançáveis através do afeto, da música e das escolhas que atravessa a cantora na vida pessoal e artística. Em entrevista ao *Alma Preta Jornalismo* (2021), ela descreve que o disco é o reflexo de sua vida, mas também expressa sentir-se em um processo de "reforma" e metamorfose. Assim, esta nova fase de sua carreira é marcada por uma exploração mais profunda de si. "Falar sobre mim, neste momento, representa algo muito novo e significativo, conectando-me com algo que, às vezes, esquecemos, que é o amor próprio" (Lacerda, 2021, s/p).

Desta forma, dialogando diretamente com o pensamento de Conceição Evaristo (2020), o *Índigo Borboleta Anil* seria esse espaço de escrevivência que Liniker escolheu para contar a própria história e o reflexo dos processos constantes que enfrenta por ser negra, trans e cantora num espaço dominado pelo sertanejo. Mas também, a escrevivência é “antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera” (Evaristo, 2020, p. 35). Liniker interroga e canta justamente esse espaço e busca existir, ao mesmo tempo que é sufocada e ferida por ele.

Posto isso, a artista revela que o disco é “um convite para que me humanizem” (Souza, 2021, s/p). Com sentimentos nostálgicos a cantora dedica-se em trazer no álbum momentos marcantes de sua infância, que possibilitaram para a sua construção como compositora e vocalista. Assim, Liniker evoca composições que abrem espaço para discussão em torno de identidade e afeto, em uma sociedade que limita os seus desejos mais íntimos. Parafraseando Reis (2014), a pesquisadora aponta a arte como uma expressão de si, do mundo e da realidade que nos cerca, integrando vivências, afetos,

desejos, valores e ideais. É notório que ela se manifesta como objetivação da subjetividade (Reis, 2014, p. 156).

O espaço também da subjetividade de mulheres trans integra a complexidade das experiências vividas, onde ocorre um deslocamento significativo entre diferentes aspectos identitários. Nesse deslocamento, observa-se uma desconexão entre o corpo físico e a expressão da sexualidade, como também, entre o corpo e a subjetividade individual. Berenice Bento (2006) aborda sobre o gênero numa perspectiva de uma sociedade pautada na cisgeneridade. Automaticamente, corpos trans são colocados em posições de subalternidade perante aos códigos de conduta defendidos pelo binarismo.

A partir dessas escritas entrelaçadas entre a sua existência e subjetividade, Liniker se contempla em colocar a sua arte como um corpo político. Uma vez que narrar fatos que ocorrem em sua vida cotidiana e diretamente forçado pela realidade, transcende justamente um espaço de luta por estar vulnerável em meio ao preconceito. Logo, a música é um fenômeno social mais próximo das relações humanas, sempre em constantes mudanças, possui fatores indestrutíveis em torno de conflitos culturais (Santos, 2014, p. 47). Ou seja, a musicalidade manifesta-se por meio de experiências que se interligam através de valores classistas, étnicos e localidade. E, no caso de Liniker serve como suporte que molda seu talento, mas também intersecciona com sua história e as lutas que vem travando através das letras das canções.

Além disso, a cantora conta que Índigo Borboleta Anil é “um um disco preto, é um disco de black excellence” (Souza, 2021, s/p). Nessa perspectiva, a mistura de ritmos e gêneros musicais pertencentes a população negra, propositalmente se faz presente, justamente para enaltecer e trazer em sua totalidade o lugar de pertencimento. Sendo assim, Santos (2014) aponta:

A música popular brasileira é marcada pelo que chamo de estética da negritude, delineada em inúmeros processos culturais transnacionais e trans-étnicos, ancorada nos elementos de africanidade e ancestralidade através da religião, reconfigurando-se dentro da cultura de massa ora como expressão legítima ora como espetacularização do exótico, beirando a estereotipia. (Santos, 2014, p. 53)

Nesse sentido, a estética da negritude é um conceito que engloba diversos elementos culturais, sejam transnacionais e transculturais, refletindo as influências da diáspora africana e da ancestralidade presentes na afrobrasilidade. Essa estética se manifesta de diversas formas, muitas vezes através da religião afro-brasileira, que reforça os laços com as tradições africanas e os rituais ancestrais. E também na música, com ritmos dançantes, que remetem ao culto aos deuses, como também uma mistura de ritmos que tem um laço voltado ao passado, como forma de enraizamento da cultura negra.

Entretanto, a estética da negritude também é moldada pela cultura de massa, que pode ser interligada pelo viés de uma expressão autêntica da identidade negra quanto ou quando é espetacularizada e explorada de forma superficial, às vezes, entra em estereótipos e visões não pertencentes à negritude. Num contexto em que elementos da cultura negra são frequentemente comercializados e consumidos pela sociedade em geral, sem um entendimento profundo e respeitoso sobre a origem cultural, e o significado por trás de toda produção, os estereótipos moldam o consumo programado.

No Índigo Borboleta Anil, objeto desta pesquisa, há inúmeros significados - o álbum, além da diversidade sonora e estética, apresenta-se camadas interseccionais que interliga Liniker a corporeidade trans e a negritude. Como também, é visto como um disco que foge do modismo e dos padrões mercadológicos da indústria musical, pois, mesmo entrando no *mainstream* musical, o álbum é fruto de uma cultura *underground* - radical na sutileza de abordar o afeto por pessoas trans, visto como algo irreal na realidade em que o grupo se encontram. Acrescento a isso - é radical também, pelo fato de questionar e abrir debates sobre como corpos negros e trans e como eles pensam o amor, e o lugar que esse sentimento se encontra: incerto de ser vivido, porém, não impossível.

O disco celebra a diversidade e a pluralidade de identidades. Porém, afronta os estigmas e preconceitos que ainda permeiam a sociedade, reafirmando o direito de amar e ser amado, na mesma totalidade. E, reconhecer que a plenitude das relações afetivas parte, antes de tudo, de coragem e genuinidade de querer amar e pertencer ao amor, como na canção *Psuu* fazendo uma analogia ao afeto - “descascou o medo pra caber coragem” (Liniker, 2021, s/p). Assim, o álbum não apenas transcende os limites

musicais, mas também serve como um manifesto de resistência e empoderamento, sendo também uma indagação sobre pensar o amor como um ato político.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com um recorte de racionalidade e transgeneridade, atrelado a afetividade e vivência trans de Liniker - um corpo político. O álbum *Índigo Borboleta Anil* (2021), além do repertório musical com raízes ancestrais e sons que misturam samba, hip hop, jazz e outros estilos, através das letras e melodias, a artista viabiliza uma narrativa autêntica, íntima e de interseccionalidade entre as identidades de gênero, raça, classe e sexualidade. Ao adentrar o *mainstream* musical com uma abordagem que foge dos padrões convencionais da indústria musical, o disco destaca-se como uma expressão legítima da experiência negra e trans, oferecendo uma visão alternativa e necessária dentro do cenário do cancionário brasileiro.

Dito isso, o disco tem múltiplas facetas, mas também é um convite à reflexão de como pessoas negras e trans enxergam o afeto e de que forma ele pode ser um sentimento bom, mas ao mesmo tempo cruel. Quando a idealização dele vem acompanhada de subcritérios que não beneficiam grupos marginalizados pela sociedade, vivenciar o sentimento se torna doloroso. O amor, idealizado por essa corrente que limita e marginaliza a comunidade negra e trans é branco, cisgenero e encorpado de ideologias que excluem corpos considerados anormais perante ao *CISstema*. Em conclusão, propõe-se com este trabalho, ainda em estado *embrionário*, trazer as perspectivas do amor e como ele se manifesta na vivência de mulheres trans e pessoas negras.

REFERÊNCIAS:

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade/Carla Akotirene**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BENTO, Berenice. **A Reinvenção do Corpo - Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual**. 3ª ed. / Salvador, BA: Editora Devires, 2017. Disponível em: <https://dspace.unisa.br/server/api/core/bitstreams/fea1830f-13e7-4307-b1b1-5de1441a93f2/content>. Acesso em: 26 mar. 2024.

DUARTE, C. L., Nunes, I. R. (Orgs.) **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. Disponível em:

<https://itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-o-Evaristo.pdf#page=27>. Acesso em: 24 mar. 2024.

LACERDA, Victor. Entrevista I Em 1ª pessoa do singular, Liniker estreia álbum solo ‘Índigo Borboleta Anil’. Alma Preta Jornalismo, 2021. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cultura/entrevista-i-indigo-borboleta-anil-em-1-pessoa-do-singular-liniker-estrea-album-solo-retratando-ancestralidade-e-vivencia-em-tempo-real/>. Acesso em: 25 mar. 2024.

LINIKER. Índigo Borboleta Anil, **Psu**. YouTube, 9 set. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=857vqr0OUKY>. Acesso em: 25 mar. 2024.

NASCIMENTO, Leticia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

REIS, Alice Casanova dos. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 34, p. 142-157, 2014.

SANTOS, Kywza Joanna Fidelis Pereira dos. **Dos orixás ao black is beautiful: a estética da negritude na música popular brasileira**. Recife: O Autor, 2014. 184 f.

SOUZA, Diego. **Liniker sobre “Índigo Borboleta Anil”, primeiro disco solo: “É um convite para que me humanizem”**. Papel Pop, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.papelpop.com/2021/09/liniker-sobre-indigo-borboleta-anil-primeiro-disco-solo-e-um-convite-para-que-me-humanizem/>. Acesso em: 23 mar. 2024.